

## ♥ *Capítulo 1*

Sabes que o teu dia está a correr bem quando te vomitam para cima e te roubam o iogurte grego do frigorífico da sala dos funcionários. E ainda só são sete da manhã.

Ansiosa por esquecer a memória do meu turno noturno infernal, estou parada na extremidade da plataforma, com a postura hirta e os cotovelos pontiagudos para fora, entre centenas de passageiros matinais cansados, prontos para lutar por um lugar raro e vazio dentro do metro.

Aprendi uma ou outra coisa sobre como lidar com uma multidão ao ver a avó Flo, de um metro e meio, a abrir caminho pela mercearia, atingindo inocentes com a sua bolsa em pele de crocodilo falsa, sem pedir desculpa.

Os passageiros do metro de Boston podem não ser tão ferozes como as avozinhas das mercearias, mas espezinham-nos por um lugar desocupado na mesma. Tenho uma cicatriz grotesca na canela esquerda como prova disso mesmo.

Felizmente, no campo de batalha de hoje, não há sangue. Numa reviravolta rara de acontecimentos, posso escolher entre três lugares: um ao lado de um homem mocado, que toca numa bateria imaginária; outro ao lado de uma mulher com cabelo rosa e um sorriso largo; e um em frente a um casal de idosos adorável, vestidos com calças vermelhas a condizer, grossas o suficiente para uma perigosa expedição ao Ártico.

Escolho o lugar em frente ao casal de idosos e pouso a mala aos pés, ansiosa por evitar toda esta realidade com o meu livro de bolso fiel e usado. O livro tem todos os meus vícios: uma heroína com uma língua afiada e um ex-namorado de olhos bondosos, mas emocionalmente incapaz.

Alguns parágrafos depois de uma cena erótica num iate, o meu telemóvel toca com uma mensagem. É da minha irmã.

CRYSTAL: Espero que tenhas tido um bom turno. Vemos-te em casa, em breve. Acabámos de arrumar as tuas caixas todas no carro! Viva a novos começos. 🎉

A Crystal é dois anos mais nova do que eu, embora toda a gente ache que ela é a mais velha porque eu tenho vivido no seu apartamento, de apenas um quarto, nos últimos oito meses.

— Novos começos — murmuro para ninguém, tentando animar-me para outra manhã de trabalho manual.

Consegui sair do fundo do poço somente há pouco tempo, depois do meu enredo de felizes para sempre se ter transformado numa tragédia do Nicholas Sparks. Na verdade, a perspetiva de mais mudanças faz-me querer vomitar, mas estou a tentar manter-me otimista. Mudar de casa significa que vou poder ler no sofá durante seis horas seguidas, sem que ninguém o critique, e a Crystal vai ter privacidade com o seu novo noivo, o Scott, com quem vou trocar de apartamento.

O metro faz uma curva acentuada com um guincho estridente, levando a que toda a extensão da minha coxa se encoste à de um estranho. É o luxo dos transportes públicos. Quando me atrevo a olhar para o meu vizinho afável, um par de olhos azuis prende-me o olhar por trás de uns óculos com armação tartaruga. A impressionante tonalidade azul-celeste dos seus olhos contrapesa com uma cabeça cheia de cabelo ruivo luxuriantemente espesso.

Sendo uma conhecedora de romances, estou ciente de que o contacto visual que dura mais de três segundos está repleto de potencial romântico.

— É um bom livro? — A sua voz é grossa, quase sonolenta.

Surpreendida, analiso o seu rosto à procura de qualquer sinal de sarcasmo. É o que acontece quando se lê romances. As capas dos livros que retratam modelos injustamente atraentes, seminus e abraçados num beijo apaixonado são alvos de escárnio e presunção. Bem-vindos ao patriarcado.

O suor acumula-se na parte de baixo do meu sutiã quando ele sorri, com dentes tão brancos que parecem artificiais sob a luz do metro. A pergunta dele apanha-me desprevenida e ele deve ter percebido, porque continua timidamente:

— Leio alguns *suspenses* românticos, se estiveres curiosa.

Os meus dedos dos pés enrolam-se dentro dos meus sapatos de enfermagem. Será que o destino me presenteou com um sósia do Príncipe Harry, leitor de romances e emocionalmente disponível? Como sou eternamente incapaz de ir com calma, lanço-lhe perguntas com demasiada velocidade.

— Tu lês romances? Leste quem? Quais são os títulos?

Evito movimentos bruscos enquanto ele inclina a cabeça, hesitante.

— Está bem, apanhaste-me. Eu menti. Só queria uma desculpa para falar contigo. Mas eu leio — acrescenta ele, o seu olhar caindo para a mala aos meus pés.

— Qual é o teu género favorito? E, por favor, não digas poesia — imploro. Para que conste, não tenho nenhum problema em relação à poesia, mas levei com os pés de um gajo que participava em *Poetry Slam* na faculdade e a ferida continua profunda.

— Terror. Sendo honesto, tenho um vício doentio — admite, empurrando os óculos para cima da cana do nariz.

As costuras do meu espartilho proverbial ameaçam rebentar de prazer. Não sou nenhuma leitora de terror, mas os homens abaixo dos sessenta que leem regularmente ficção são uma espécie em vias de extinção que deve ser protegida a todo o custo.

— Espíritos maléficos ou sangue e tripas?

Ele faz uma careta, debatendo-se com o peso das suas escolhas.

— Posso dizer as duas coisas? É assustador?

— É um bocado mórbido. Porém, não me importo. — *Estou mais do que confortável.*

— Chamo-me Nate. — A apresentação é seguida pelo sorriso encantador de um príncipe da Disney.

— Sou a Tara. — Os nossos olhares voltam a fixar-se, fazendo o meu coração disparar. Está a bater rápido e furiosamente. Ou estou a entrar em paragem cardíaca, ou a conhecer o modelo da perfeição com o queixo quadrado. É difícil de dizer.

Se não estivesse a usar a minha bata de enfermeira mais inestética e sem graça, provavelmente, iria rodopiar pelo corredor do metro, de braços esticados, como uma pessoa de meia-idade feliz num anúncio de medicamentos para alergias que, por fim, experimenta a alegria de viver sem olhos lacrimejantes e congestão nasal.

No espaço de dez minutos, soube tudo o que havia para saber acerca do Nate. Ele tem vinte e cinco anos (cinco anos mais novo do que eu, mas estou disposta a abraçar a *Cougar Life*), trabalha numa empresa de investimentos, tem casa própria, iria escolher mostarda em vez de *ketchup* se estivesse preso numa ilha deserta e está seguro o suficiente da sua masculinidade para admitir que gosta do último álbum da Taylor Swift. Criaturas como ele são o sonho molhado de uma leitora de romances. O homem emana um sentido de «possível alma gémea» e estou a absorvê-lo avidamente como se fosse um anúncio publicitário.

De facto, o auge do estatuto de alma gémea é atingido quando ele acena entusiasticamente a uma criança com cara de querubim que anda para cima e para baixo no corredor do metro. Olá, possível futuro pai dos meus filhos.

Que comecem os violinos. Acabei de me apaixonar.

Se isto fosse um romance, as nuvens iriam abrir quando saíssemos do metro em qualquer paragem e de mãos dadas. Iríamos passar o dia fresco de outubro a fazer as coisas habituais que as almas gémeas fazem: ignorar todas e quaisquer responsabilidades, descobrir locais aleatórios pela cidade, beber licor embrulhado num saco de papel castanho e revelar toda a nossa bagagem emocional enquanto o Sol se põe. No final da noite, ele iria abraçar-me apaixonado sob o céu estrelado e abençoar-me-ia com um beijo de arrepiar, de preferência com um bocado de língua à mistura.

Contudo, isto não é um romance. Nem sequer tenho a oportunidade de dar um nome ao nosso *Golden Retriever* e aos quatro filhos que ainda não nasceram. Na vida de não-ficção da Tara Li Chen, desenrolam-se os seguintes acontecimentos por ordem cronológica:

- 1) O metro para subitamente. Uma multidão de pessoas dirige-se para a saída.
- 2) Um novo grupo de passageiros entra aos empurrões. Um homem magro, com uma *T-shirt* a dizer *May the Gains Be with You*, por cima de um fato de licra completo, apressa-se a ocupar o único lugar que resta, para desgosto silencioso de uma mulher muito grávida.
- 3) Quando a multidão se acomoda, a alma gémea chamada Nate já não está ao meu lado. De facto, ele desapareceu por completo.
- 4) Tal como a minha mala.

## **EM DIRETO COM TARARAINHADOSROMANCES — O FIM DOS PRIMEIROS ENCONTROS AMOROSOS**

EXCERTO DA TRANSCRIÇÃO

*[Tara surge no ecrã, com o queixo para cima, ao que parece sem fôlego, o cabelo penteado para trás num rabo de cavalo pouco lisonjeador e a parecer os pais fundadores. Caminha em passos largos por um passeio movimentado de um bairro decadente.]*

TARA: *Olá, amantes de romances, bem-vindos de volta ao meu canal, onde falo de tudo o que é romance. Em primeiro lugar, gostava de pedir desculpa pela minha ausência nos últimos dias. Tenho andado muito ocupada com o trabalho e a fazer as malas para a minha mudança, que na verdade é hoje. Viva!*

*Sendo que vou passar a maior parte do meu dia a carregar caixas, este episódio vai ser muito breve. Quero falar de primeiros encontros amorosos.*

*Toda a gente sabe que sou fã de um bom encontro amoroso. São um elemento básico dos romances. Os melhores envolvem derramar uma bebida a esaladar ou alguma*

*experiência de quase-morte. Por vezes, chega mesmo a ser um encontro feio, em que os dois se detêm na aversão mútua e em preconceitos deliciosamente mesquinhos durante metade do livro. Isto é... até descobrirem o lado emocional um do outro e se apaixonarem perdidamente.*

**[Tara espera impacientemente num cruzamento e olha para a câmara do seu telemóvel novinho em folha, com a sobrancelha arqueada.]**

*Graças à Internet, nem sequer vou falar de encontros online, os encontros amorosos da vida real ACABARAM e eu estou de luto. No mundo cruel da atualidade, qualquer estranho, por mais bonito que seja, que estabeleça contacto visual durante mais do que alguns segundos, definitivamente tem intenções nocivas e vai assaltar-vos em plena luz do dia. Falo por experiência própria.*

*Será que a esperança está perdida quando se chega aos trinta? Começo a pensar que sim. Se alguém quiser provar que estou errada com algumas histórias adoráveis e reais de encontros amorosos, sou todo ouvidos.*

---

COMENTÁRIOS:

Conheci o meu marido na Internet. Somos casados e felizes há dez anos. Os primeiros encontros são sobrevalorizados. ♡

Tara, concordo plenamente contigo. Também estou à espera do meu encontro fofo. De preferência, entre filas de estantes empoeiradas numa biblioteca pública. 😍



*ESTÁ TUDO BEM. ESTÁ TUDO BEM.*

Repito mentalmente esta frase enquanto subo as escadas para o meu novo apartamento. Para a minha nova vida.

Não faz mal ter sido assaltada. Não faz mal que tenha de cancelar todos os meus cartões de crédito. Não faz mal que tenha tido de comprar um telemóvel novo. Não faz mal que me esteja a mudar para outro apartamento, sem o ter visto antes. Não faz mal que tenha o elevador sempre avariado, embora seja convictamente a favor de um estilo de vida sedentário. ESTÁ TUDO BEM.

Quando chego ao terceiro andar, encosto-me momentaneamente ao corrimão instável, equilibrando as minhas almofadas em forma de coração. Entre suspiros, forço um sorriso, um truque que uso para me recompor quando estou a entrar num turbilhão de negatividade.

Não há razão para odiar a minha casa nova. Pode não ser o Ritz, mas, pelo que vi da entrada em mau estado com azulejos laranjas e das escadas de cimento provavelmente assombradas, é o melhor que posso pagar, na linha direta do metro para o hospital, que não seja uma cave infestada de baratas. E o Scott foi caridoso o suficiente para deixar a sua mobília de quarto usada, sem custo adicional.

À medida que vou avançando e subindo, lembro-me que mudanças são boas. Esta mudança é mais do que apenas uma casa. É um capítulo novo da minha vida. Uma oportunidade de começar de novo, depois de oito meses a chafurdar e a lamentar a vida que devia ter com o meu ex-noivo, o Seth.

Por esta altura, no ano passado, estava noiva e feliz, a planear um casamento de sonho inspirado na Cinderela, no conforto do nosso condomínio em Beacon Hill. Depois, seis meses antes do casamento, o Seth decidiu que o final da temporada do *Survivor* era uma altura tão boa como qualquer outra para ter uma discussão dramática, concluindo que «não conseguia continuar a aturar-me».

A tribo tinha-se pronunciado.

O Seth Reinhart seria o décimo homem a partir-me o coração.

Começar a minha vida de novo foi, no mínimo, uma aventura. Mas, depois de meses de terapia e de dormir no chão da Crystal, por fim, consegui voltar a erguer-me.

Abracei ligeiramente a mudança, começando com um corte de cabelo arrojado (um *bob* longo e a direito). As minhas contas no *bookstagram* e no BookTok, os recantos da Internet onde as pessoas obcecadas por

literatura se relacionam através dos livros, estão ao rubro. Protegi o meu círculo social interno e de confiança de exatamente duas pessoas, a minha irmã e a Mel, as respetivas Carrie e Samantha para a minha Charlotte (embora, provavelmente, sejamos todas a Miranda).

Talvez este ano surpreenda toda a gente e comece um passatempo novo, como tecelagem, tiro ao arco ou ciclismo. O Seth mostrava-se sempre ressentido com a minha falta de passatempos, além das minhas leituras. Talvez compre uma suculenta, ou sete, e lhes dê o nome das crianças von Trapp do *Música no Coração*.

Sinto-me revigorada, com oportunidades infinitas quando chego ao número 404. De tal forma que abro a porta destrancada do apartamento com o triplo da força necessária, como uma bailarina profissional no centro do palco, fazendo uma entrada apaixonada na minha vida nova e radiante.

Quando entro, torna-se óbvio que este capítulo novo não é uma melhoria em relação ao anterior. De facto, é pior.

Diante de mim, está um homem magnificamente musculado, completamente nu e tatuado, com uma mulher de cabelo castanho-avermelhado curvada sobre a ilha de cozinha.

Bem-vinda a casa, Tara.

## ♥ Capítulo 2

As coisas são arruinadas a partir daí. Literalmente.

Solto um grito, das profundezas das minhas entranhas, atirando as minhas almofadas para o ar. A mulher de cabelo castanho-avermelhado grita, esforçando-se por cobrir pelo menos metade do seu peito invejável e vasto. O homem tatuado pragueja e procura abrigo atrás da ilha de cozinha, como um soldado da Primeira Guerra Mundial cercado nas trincheiras lamacentas.

Contudo, é demasiado tarde. Eu *vi-o*.

O pénis do meu novo colega de casa, o Trevor Metcalfé.

Não é como se esperasse cruzar o limiar de uma vida digna d' *O Sexo e a Cidade*, com riquezas fabulosas, *cosmopolitans*, um romance atribulado e amigas que estão perpetuamente disponíveis para largarem as suas vidas num ápice, sempre que acontece algum desastre. Contudo, não estava à espera *disto*.

Normalmente, não me atrevia a pensar em viver com um estranho. Mas a renda era barata, tenho as dívidas dos meus estudos para pagar e qualquer sítio era preferível à casa dos meus pais, onde seria forçada a competir com a *Hillary* por atenção, a *Chihuahua* narcisista e mordedora de tornozelos da mãe. Além disso, o Trevor é o melhor amigo do Scott e colega de trabalho dele, no quartel dos bombeiros. Achei que fosse seguro confiar no meu futuro cunhado, mas, ao que parece, não se pode confiar na própria família.

*Com os vossos turnos de trabalho, nunca se vão ver. Será como viver sozinha,* garantiu-me o Scott.

A ilusão de viver sozinha parecia plausível, dado que os horários conflitantes dos meus turnos e dos do Trevor impediram-nos de nos encontrarmos antes. Eu alterno o turno diurno com o noturno de duas em duas semanas e, ao que parece, ele também. Até agora, trocámos apenas algumas mensagens, que consistiram no meu pedido referente às dimensões do meu novo quarto, para a minha estante. Nada de conversa fiada.

A mulher em *topless* olha para mim, justificadamente irritada por eu ter interrompido o seu grande *O*. Além de desaparecer, tomo a segunda melhor escolha, muitíssimo lógica: murmuro um pedido de desculpa vago, mas sincero, tapo os olhos e corro na única direção possível — para um corredor estreito.

— Isto é ótimo. Está tudo bem — murmuro, refugiando-me na primeira porta à direita. Fecho-a com força, saboreando a frescura relativa da porta contra a minha pele a esaldar.

Como enfermeira, vejo genitais em abundância, especialmente durante a minha passagem pelas urgências antes de ser transferida para a ala pediátrica. Contudo, estabelecer contacto visual com um ser humano vivo (um humano muito musculado, para ser mais precisa), nos arquejos da paixão e a apenas três metros de distância é a primeira vez.

Quando abrandar a respiração se torna uma tarefa hercúlea, tento a técnica que o meu terapeuta me ensinou. *Observa o que te rodeia. Observa tudo de forma lógica, sem julgamentos.*

Estou numa casa de banho minúscula e antiquada. É branca do chão ao teto, com exceção de uma toalha de pelúcia azul-marinho pendurada atrás da porta e de uma toalha de mãos a condizer junto ao lavatório, ambas provavelmente pertencentes a um homem com um corpo bonito e consideravelmente... Não. Não vamos nesse caminho. Concentra-te, Tara.

Azulejos de cerâmica rachados, mas limpos, adornam a parede do chuveiro de vidro reluzente. Para uma casa de banho que foi partilhada pelo Scott e pelo Trevor, dois homens de trinta e poucos anos, está incrivelmente limpa. Passo o dedo indicador ao longo da borda

do lavatório de porcelana lisa. Está impecável. Não há um único pelo masculino ou uma gota de pasta de dentes seca.

Fraca e cansada, instalo-me no trono de porcelana. Se calhar, devia começar a procurar outro sítio para morar, mas só a perspectiva de sondar as vísceras da *Craigslit* causa-me enjoos. Em vez disso, vejo vídeos de animais bebés em quintas, até os meus pés perderem toda a circulação.

Sei que tenho de sair e enfrentar a realidade a dada altura. Mas, como uma verdadeira covarde, adio o inevitável e faço uma videochamada com a Mel.

Ela responde de imediato, exibindo as suas extensões de pestanas ultraluxuosas. É uma influenciadora com curvas, como a Crystal, mas, em vez de *fitness*, a especialidade da Mel é moda, beleza e todas as coisas esteticamente agradáveis. Hoje, uma sombra roxa cintilante percorre-lhe as pálpebras, acentuando os olhos escuros. O contorno da sua maquilhagem também está perfeito, revelando a sua estrutura óssea. Ela é tão deslumbrante que, com franqueza, é ofensivo.

Pela janela que vai do chão ao teto atrás de si, ela está em casa, no seu apartamento luxuoso no bairro dos teatros.

— Onde raio estás tu? — pergunta ela.

— Estou escondida na minha casa de banho nova — sussurro.

— Porque é que estamos a sussurrar? — Baixa a voz, de forma conspiratória.

— Porque sim. Acabei de ver o meu novo colega de casa. Nu.

Ela deixa escapar um suspiro abafado e bate com a mão nos lábios pintados de violeta.

— Nu? Com o rabo de fora?

— Com o pénis de fora — corrijo. — Na verdade, estava mais do que nu. Estava a comer uma rapariga na cozinha — explico, decidindo ir bisbilhotar para o chuveiro.

Assim que abro a porta de vidro pesada, sou atingida por um aroma picante e demasiado *sexy* que é, com certeza, um perigo biológico. Cheiro o gel de banho para confirmar as origens do aroma e este desobstrui-me de imediato as vias respiratórias. *Canela e madeira de cedro*, de acordo com o frasco. Ao lado do gel de banho está uma combinação básica de champô e amaciador dois-em-um.

Bisbilhotar o chuveiro de um estranho parece ilícito, mas, tecnicamente, este chuveiro agora é *meu*. Já vi as partes íntimas deste homem, por isso é importante saber a sua marca preferida de pasta de dentes (*Colgate... Max White Expert Complete*).

— Jesus, leva-me contigo. — A Mel aperta uma mão sobre o peito e finge desmaiar na espreguiçadeira. Rapidamente se recompõe, completamente alerta e pronta para saborear a notória bisbilhotice, de que ela gosta tanto. — Muito bem, conta-me tudo. Numa escala de Danny DeVito a Henry Cavill, quão atraente é ele? Não te esqueças de nenhum pormenor.

— Eu não estava a olhar para a cara dele. — O rosto dele era somente um borrão por causa do seu corpo nu que, definitivamente, se inclina para o lado do Cavill na escala da Mel. A memória vai viver para sempre gravada nas minhas retinas.

— Suponho que te vais esconder aí dentro para sempre.

— Sim. Acho que vou apodrecer aqui dentro. — Examino o dispensador de sabão ao lado do lavatório, que não se enquadra entre os restantes produtos práticos e básicos. Tem o nome *Toasted Vanilla Chai*. Isto é da responsabilidade de uma mulher, sem dúvida. Talvez pertença à mulher com os seios grandes e o cabelo castanho-avermelhado.

Enquanto a Mel conta que uma vez, acidentalmente, viu o irmão a ter relações sexuais, passo rapidamente para o armário dos medicamentos. Antes de o abrir, vejo o meu reflexo esperançoso no espelho e encolho-me. O que outrora fora um rabo de cavalo firme está descaído. Tento apertá-lo para lhe dar mais volume, mas acabo por piorar a situação. Não tem volume nenhum. Cada madeixa está demasiado escorregadia no meu couro cabeludo e demasiado puxada para trás, acentuando a minha testa reluzente. Preciso mesmo de lavar o cabelo.

Desistindo por completo de mim mesma, exploro o armário. Lá dentro encontro um pacote aberto de escovas de dentes de cores variadas, um conjunto de barbear, uma única lâmina, um frasco de creme de barbear, elixir bucal *Listerine (Cool Mint)* e um frasco gigante de *Tylenol*.

Quando tiro o frasco da prateleira para examinar a data de validade (expirou em julho de 2021), o soalho range no corredor, mesmo à porta. Em pânico, atiro o *Tylenol* de volta para onde o encontrei e

afasto-me do lavatório. Passam-se alguns minutos em silêncio antes de baterem à porta.

— Tara? — A voz do Trevor é grave e barítona. Muito digna de um audiolivro.

— Mel, tenho de ir — sussurro, terminando freneticamente a chamada antes que ela possa responder.

— Estás bem aí dentro? — pergunta ele.

— Completamente. Mais do que bem. Porque não havia de estar?

— Caramba. Pareço uma Minnie Mouse que tomou estimulantes. Faço questão de baixar a voz. — Ela é a tua namorada?

Há um momento de silêncio.

— Não. Ela não é minha namorada. Acabou de sair, a propósito.

— Oh — digo, ligeiramente desiludida. Teria sido bom ter outra mulher por perto, como uma espécie de colega de casa não-oficial, especialmente porque a maior parte do tempo da Crystal e da Mel é dedicado às suas respetivas relações duradouras e devotas e a carreiras prósperas nas redes sociais a tempo inteiro, ambas as quais eu não posuo. Embora adore ser uma influenciadora de livros no Instagram e no TikTok, é um passatempo, não uma carreira.

Há outro silêncio prolongado, antes de o Trevor dizer:

— Ouve, desculpa por nos termos conhecido assim. Pensava que as mudanças eram mais tarde. Sinto-me um idiota.

Afundo-me no chão atrás da porta, com as pernas encolhidas no peito.

— Está tudo bem. Tecnicamente, o apartamento é teu.

— Agora, é metade teu.

— Costumas fazer sexo em espaços comuns?

— Bem, agora já não. — Com base no seu riso ligeiro, imagino um sorriso encantador capaz de molhar as cuecas de qualquer mulher heterossexual. — Prometo que vou desinfetar a cozinha toda. Por completo.

— Agradeço imenso — digo, genuinamente. É bom saber que a superfície onde vou comer as minhas *Pop-Tarts* não tem fluidos corporais.

Passa-se mais um instante.

— Então, vais sair da casa de banho?

— Isso depende. Continuas nu?

— Estou completamente decente, prometo.

Aproximo a face da porta, enquanto desejo sentir as vibrações da sua voz.

— Talvez fique aqui mais um bocadinho. É confortável. — O espaço minúsculo é de facto reconfortante, lembra-me um *spa* dinamarquês.

Os seus passos desaparecem ao fundo do corredor, apenas para regressarem alguns segundos depois.

— Tenho *Cheetos*. E, não te preocupes, lavei as mãos.

A minha boca fica aguada de imediato ao ouvir o som de um pacote a estalar. Acalma-te, coração. Estico a mão para rodar a maçaneta, abrindo a porta o suficiente para conseguir receber a comida pela fresta. Ele ainda não está visível, com exceção da mão que passa o saco como se fosse um negócio de droga arriscado. Há uma leve camada de pelos castanho-acinzentados no pulso e nos nós dos dedos. A palma da mão é enorme, quase o dobro da minha. Reparo na ponta de uma tatuagem cinzento-escura pormenorizada na zona abaixo do polegar, mas, antes que consiga ver o desenho, a sua mão desaparece atrás da porta.

Esfomeada, desço a mão para o pacote, rasgando-o como um macaco. Em menos de três minutos, devorei pelo menos um quarto do seu conteúdo. Cheia de vergonha da minha gula descarada, passo-o de volta pela fenda.

— Desculpa, tive um dia traumático.

Ouço o barulho do pacote.

— Merda. A culpa foi minha?

— Não. O meu dia já estava arruinado antes.

— Porquê? — pergunta ele, entregando-me de novo o pacote.

— Hoje, devia ter um novo começo. Um ponto de viragem na minha vida. No entanto, fui assaltada no metro — admito enquanto mastigo — por um gajo com um potencial enorme para ser a minha alma gémea. O nosso primeiro encontro amoroso estava a correr tão bem, até ele me roubar a carteira.

— Espera, foste assaltada? E o que é um «primeiro encontro amoroso»? — repete *primeiro encontro amoroso* devagar, como se fosse um conceito estranho. Observo a sua mão grande a alcançar os *Cheetos* através da fenda. Tem uma tatuagem de um número romano no pulso,

parcialmente obscurecida pela manga. Capto uma fotografia mental para a poder decifrar mais tarde.

— Um primeiro encontro amoroso é quando dois interesses românticos se conhecem — digo, com impaciência. — Mas, sim. Fui assaltada. Estava a ler no metro quando um homem ao meu lado começou a meter conversa comigo. Devias ter visto o gajo, Metcalfe. Era muito atraente. Não tinha ar de ladrão. Não que os ladrões tenham um aspeto específico, mas tu sabes o que quero dizer...

Passamos o pacote de um lado para o outro enquanto conto a história do Nate, desde o primeiro contacto visual até ao momento em que ele me roubou a carteira (e todas as minhas esperanças e sonhos).

— Bem, de qualquer maneira, é uma sorte de merda — diz ele, empático perante a minha situação.

— Não é? Começo a perder a esperança. Sempre que conheço um homem com algum potencial, algo corre horrivelmente mal. O último que conheci, através de um amigo, parecia normal até me pedir fotos dos pés.

— Tinha fetiche por pés?

— Ao que parece. Não quero julgar fetiches, mas acho que estou amaldiçoada. Hoje foi um assalto. Amanhã, provavelmente, um rapto. Um homem qualquer vai atrair-me para o carro dele com doces. Eu vou porque gosto de comer à borla. E ele atira-me para a bagageira e incendeia-me o corpo. — Faço uma careta perante a oportunidade perdida de exhibir o meu último ato favorito, um vestido rosa de gola alta, num funeral de caixão aberto. Já alertei a Crystal do meu desejo de ser enterrada dessa forma e ela garantiu-me que o vai fazer acontecer.

— Certo, isto ficou sombrio muito depressa. É por isso que nunca se deve confiar em estranhos que nos ofereçam comida — avisa o Trevor.

— Tecnicamente, és um estranho com *Cheetos* — lembro-o, agarando num *Cheeto* do chão. Atiro-o para o caixote do lixo, ao lado do lavatório.

— Tu também és uma estranha. Na minha casa de banho. Quem sabe o que fizeste com a minha escova de dentes.

Tenho a súbita vontade de alterar o nosso estatuto de estranhos. As dobradiças rangem quando abro a porta, pondo a cabeça de fora como um suricata a sair da proteção da sua toca arenosa.

O Trevor está, de facto, completamente vestido, com as costas encostadas à parede e as pernas longas estendidas à sua frente.

O topo do seu cabelo escuro, despenteado, justapõe-se com os lados curtos e bem aparados. Mesmo com a camisola dos Bombeiros de Boston, os seus bíceps são como troncos de árvore maduros e inflexíveis. Em comparação, os meus são mais frágeis do que um grão de arroz.

A sua maçã de Adão balança enquanto ele olha para o meu rabo de cavalo desgrenhado e cheio de champô seco, olhando para baixo, para a minha camisola castanha e larga, onde se lê *Sentimentos não-ficcionais por homens ficcionais*, em letra Times New Roman.

Agora que ele não está nu e as suas tatuagens estão devidamente tapadas, posso avaliar os seus olhos. São da cor do mel, como um forno de lenha que resiste a chamas douradas impiedosas. Provavelmente, adquirem uma tonalidade musgosa quando a luz os atinge na altura certa. Sob o olhar protetor das pestanas densas, são previdentes, reservados. E, quando o seu olhar encontra o meu, o meu estômago torce-se com uma reviravolta desnecessária.

Num esforço para manter um pouco de normalidade, aperto os olhos para desfocar a cara dele, distraíndo-me com um enorme *Cheeto*.

— Devo confiar em ti, estranho delirantemente bonito?

A boca dele forma um sorriso torto enquanto ele se levanta, elevando-se sobre mim no chão da casa de banho.

— Não. Provavelmente não.